

Concepções Paisagísticas e suas Questões Taxonômicas. Discussões Metodológicas

Kárita Botelho Silvestre

I - INTRODUÇÃO

Entre os estudos pertencentes a ciências da natureza, um dos temas mais evidenciados, está o que envolve as questões da crise ambiental quando se percebe a urgência de se rever as interações da sociedade com a natureza. Para tanto, é preciso considerar a importância da implementação dos processos de gestão e planejamento ambiental, em busca da sustentabilidade ambiental e social.

Estudas as características e os processos dos elementos da natureza e da sociedade através de idéias multidisciplinares é de fundamental importância para se alcançar à perspectiva da sustentabilidade. Ao pensamos em analisar as interações sócio-ambientais, a concepção dos estudos das paisagens nos dá as bases para o planejamento ecológico do território.

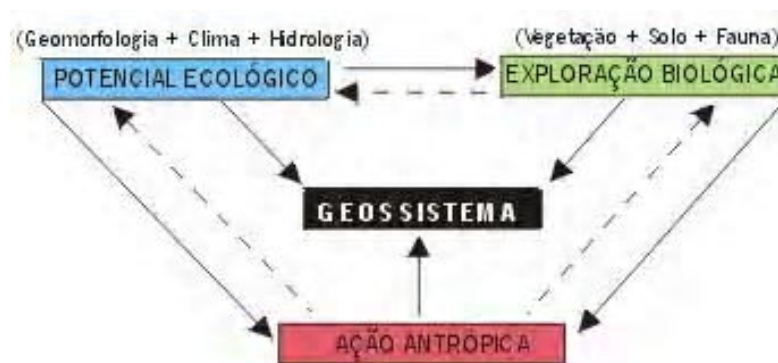
No estudo das Paisagens, a partir de uma visão sistêmica, nos deparamos com o problema da classificação de suas unidades, pois não existindo um sistema objetivo e universal de classificação, ocorrem diversas análises equivocadas, onde a paisagem e geossistemas não se relacionam.

Neste artigo discuto os problemas de classificação, fazendo um rebuscado teórico dos conceitos de Paisagem, em suas diversas dimensões de estudo, tentando evidenciar a importância da Geoecologia das Paisagens nas análises ambientais, sendo a base para a construção de métodos, técnicas e procedimentos para a recuperação de ambientes degradados, assim como ferramenta para o manejo e gestão do meio natural.

II – DEFINIÇÃO DE PAISAGEM E SUA CONCEPÇÃO GEOSISTÊMICA

Paisagem é uma palavra utilizada nos mais diversos níveis de conhecimento, é um termo utilizado em vários sentidos que muitas vezes alteram sua verdadeira definição. Muitos utilizam o conceito de “Paisagem” levando em consideração apenas um de seus aspectos, o mais comum é aquele que podemos ver num golpe de vista, as condições visuais do território observadas naquele momento. Mas o conceito de paisagem vai além do visível, podendo ser encarada também num sentido figurado, com no caso de “paisagem política” ou mesmo “paisagem cultural”. Ainda hoje a paisagem é entendida de diversas formas e analisada por muitas vezes sem qualquer rigor científico.

A Paisagem mostra (retrato) o estado / situação de um território em um momento determinado, assim como o lugar que ele ocupa e a forma como cada um dos componentes (abióticos, bióticos e antrópicos) ambientais age e os tipos de relações existentes entre eles. A expressão material de uma paisagem é uma matriz, com suas manchas e seus corredores. Os elementos abióticos promovem modificações na paisagem durante um tempo mais longo há, portanto, o predomínio da matriz sobre as manchas (fragmentos). Definimos se uma paisagem é natural ou cultural a partir dos elementos que a compõe e qual desses elementos é o dominante. Dependendo do elemento chave / predominante é que se define a materialidade da paisagem. Para entendermos a paisagem saímos da materialidade para entendermos suas interações.



Fonte: BERTRAD, G. *Paysage et géographie physique globale*. 1968.

BERTRAND (1971), apresenta claramente nesta definição, a relação estrutura-dinâmica da paisagem, inserindo uma concepção de Geografia Física Global, no âmbito da Geografia, utilizando o conceito de geossistema.

A noção de Paisagem para a Geografia Física desenvolvida por Humboldt e posteriormente pelos sábios Dokuchaev, Passarge e Berg no século XIX, sempre teve uma forte relação aos aspectos físicos (concretos) da paisagem, dentro dessa visão dava-se importância aos aspectos fortemente naturais, dando ênfase nas interações entre os elementos que a compunha (rocha, relevo, clima, vegetação, água, solo) e um espaço natural.

No século XX, o estudioso siberiano Victor Sotchava, designa o conceito de Paisagem natural como sendo sinônimo de Geossistema, adicionando assim ao conceito de Paisagem cinco atributos essenciais: estrutura, funcionamento, dinâmica, evolução e informação, considerando a paisagem um sistema, que integra três tipos de componentes: abióticos, bióticos e antrópicos.

Nos anos 30 do século XX, Karl Troll considera a Geoecologia das Paisagens como sendo uma disciplina que estudava a funcionalidade das unidades paisagísticas. Isso significava que a Geoecologia das Paisagens não estudava apenas as propriedades dos geossistemas, mas também suas interações com os meios sociais e culturais, formando o meio ambiente global.

Um estudo global da natureza foi proposto por G. Bertrand da Escola de Toulouse, na França, em 1968, no lançamento do texto *"Paysage et Géographie Physique Globale: esquisse méthodologique"*, concebendo a paisagem a partir de uma visão sistêmica. Neste trabalho Bertrand diz que:

"a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados no espaço. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução".

III – A QUESTÃO DA CLASSIFICAÇÃO DAS PAISAGENS

Diante de toda a discussão sobre os conceitos vários de Paisagem, um dos maiores problemas dentro desta questão é sem dúvida a de classificação das unidades paisagísticas. Todas as tentativas de se classificar terá de levar em consideração que uma mudança na escala espacial, mudará também a natureza dos fenômenos naturais que são observados, modificando assim o ritmo (escala temporal) de evolução das Paisagens.

BERTRAND (1968), apresenta seu sistema de classificação taxocorológico das paisagens, comportando seis níveis têmico-espaciais: a zona, o domínio e a região natural (níveis superiores) e o geossistema, o geofácies e o geótopo (unidades inferiores). Seus estudos focalizaram as unidades inferiores de classificação. Para Bertrand elege o **geossistema** como a unidade mais importante, pois é nela que se observa, a característica particular dos inúmeros fenômenos físicos.

Também para RICHARD (1975), o geossistema seria a unidade onde melhor se observaria e interpretaria o espaço geográfico, as **geofácies** que compõem os geossistemas, corresponderia a mais pequena unidade espacial homogênea, por isso, é onde se dá a descrição do espaço geográfico. As geofácies são representadas assim nas escala cartográficas de 1: 5.000 ou 1:10. 000. O **geótopo** corresponde à "*menor unidade homogênea diretamente discernível no terreno*", que compreende dimensões entre o metro quadrado ou mesmo o decímetro quadrado.

As unidades superiores são pouco estudadas por sua dimensão espacial, mas dentro da taxonomia proposta por Bertrand, elas são classificadas através do seu uso, e delimitando sua área ocupada.

TABELA 1 –

UNIDADES DA PAISAGEM	ESCALA TEMPORO-ESPACIAL (A. CAILEUX J. TRICART)	EXEMPLO TOMADO NUMA MESMA SÉRIE DE PAISAGEM	UNIDADES ELEMENTARES				
			RELEVO (1)	CLIMA (2)	BOTÂNICA	BIOGEOGRAFIA	UNIDADE TRABALHADA PELO HOMEM (3)
ZONA	G I grandeza G. I	Temperada		Zonal		Bioma	Zona
DOMÍNIO	G. II	Cantábrico	Domínio estrutural	Regional			Domínio Região
REGIÃO NATURAL	G. III-IV	Picos da Europa	Região estrutural		Andar Série		Quarteirão rural ou urbano
GEOSSISTEMA	G. IV-V	Atlântico Montanhês (calcário sombreado com faixa higrófila a <i>Asperula odorata</i> em “terra fusca”)	Unidade estrutural	local		Zona equipotencial	
GEOFÁCIES	G. VI	Prado de ceifa com <i>Molinio-Arrhenatheretea</i> em solo lixiviado hidromórfico formado em depósito morânico			Estádio Agrupamento		Exploração ou quarteirão parcelado (pequena ilha ou cidade)
GEÓTOPO	G. VII	“Lapiés” de dissolução com <i>Aspidium lonchitis</i> em microsolo úmido carbonatado em bolsas		Microclima		Biótopo Biocenose	Parcela (casa em cidade)

NOTA: As correspondências entre as unidades são muito aproximadas e dadas somente a título de exemplo.

1 - conforme A. Cailleux, J. Tricart e G. Viers; 2 - conforme M. Sorre; 3 - conforme R. Brunet.

Fonte: BERTRAD, G. *Paysage et géographie physique globale*. 1968.

Bertrand propôs essa classificação, evidenciando em seus estudos a importância de trabalhos interdisciplinares para se entender a paisagem com um todo e solucionar seus problemas, que segundo ele, *"não pode ser realizado senão no quadro de uma geografia física global"*. BERTRAND, 1971. Seu sistema taxonômico reflete sua preocupação com as escalas de pesquisas, sua delimitação e a forma correta de cartografá-las. Isso significa aceitar as imperfeições dos limites naturais de cada unidade, a paisagem deve ser delimitada tal qual ela se apresenta, assim as relações entre os elementos, e suas trocas de energia, matéria serão de mais fácil observação. Quando Bertrand fala em limites, não está se referindo apenas aos limites espaciais, ou limites cronológicos, mas também nos limites da dinâmica da paisagem.

Para se classificar uma paisagem é preciso fazer uma análise de todos os elementos que a compõe, observando os componentes naturais dessa paisagem e como também aqueles que sofreram ação antrópicas, fazendo um estudo de sua estrutura, composição, evolução, desenvolvimento e o que o torna diferente.

Uma classificação pertinente de uma paisagem deve primeiramente definir o estado / território, paralelamente refletindo o tamanho de sua heterogeneidade espacial. Cada classificação de paisagem precisa evidenciar uma ferramenta para o planejamento de gestões para a recuperação das áreas analisadas.

Segundo Mateo e Silva (2007), são necessários levar em consideração alguns pré-requisitos básicos para quaisquer tipologias das paisagens: a existência objetiva dos “tipos” geográficos; a integridade e diferenciação, a repetibilidade; a semelhança estrutural – morfológica; a homogeneidade relativa e sua complexidade. Definindo assim as unidades pela sua tipologia.

A composição das paisagens forma a síntese da integração de seus elementos constituintes, é preciso assim, perceber que determinados elementos se sobressaem sobre os outros, no que tange a evolução geral da paisagem. Estes elementos assim são à base da evolução e, portanto, são os que mais se evidenciam dentro do processo evolutivo. Assim, podemos afirmar que os elementos paisagísticos se organizam de uma forma hierárquica, e é a partir dessa característica que entendemos a estrutura da paisagem.

É preciso salientar também que no decorrer do processo evolutivo acontece uma mudança dos elementos preponderantes, modificando-se de um para o outro, isso implica na descontinuidade da evolução, geralmente numa escala de tempo humana, essas mudanças se dá através da intervenção humana, o que explica a diversidade fisionômica da paisagem.

Com isso entendemos que não é possível entender e classificar a paisagem a partir de um só elemento que a compõe, é preciso levar em consideração a hierarquização que se observa na estrutura de seus elementos e suas importância dentro da paisagem.

É muito importante também dentro da classificação de paisagem, tentar entender as consequências da intervenção humana nas paisagens naturais, tornando-as assim em paisagem culturais.

É importante quando se pretende estudar as paisagens e principalmente classificá-las, entender que os termos utilizados e os conceitos absorvidos sejam coerentes, e mantenham um padrão dentro de todo o estudo, para que se entenda a paisagem de suas partes para o todo, sem esquecer das paisagens de exceções que estão inseridas num território.

Enfatizar que não é possível identificar uma determinada unidade taxonômica através de termo que designa uma noção genérica (por exemplo, denominar como geossistemas, uma das unidades taxonômicas). Cada uma das unidades da hierarquia ou do sistema de unidades taxonômicas deverá ser definida por determinados índices ou parâmetros diagnósticos claros e precisos (MATEO E SILVA, 2002).

Para se classificas as unidades taxonômicas é preciso levar em consideração as regularidades de formação da paisagem e da diferenciação geocológica do território MATEO E SILVA (*op cit*).

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencio-se nesse pequeno esboço teórico sobre o estudo da Paisagem, assim como para Aziz AB'SÁBER, que está é uma herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. Evidenciando assim a existência de paisagens antropicamente modificadas que ganham valor perante os que a cercam e a transformam nas chamadas Paisagens Culturais.

Diversos autores tentam encontrar um método de classificação universal das Paisagens, mas depara-se com um grande problema, pois cada unidade paisagística possui suas nuances e características particulares, assim como cada uma delas está inserida em territórios diferentes, que sofrem interferências das suas condições geológicas locais. Para se estudar as Paisagens é de fundamental importância que este seja feito a partir de um enfoque interdisciplinar, pesquisas setoriais, fazendo um estudo integrado do ambiente físico, ocorrendo uma análise mais descritiva e cartográfica, não só quantitativa.

Enfim, quando tratamos de estudar de uma forma pluridisciplinar os ambientes físicos, tentando entender suas partes para a compreensão do todo, buscamos fomento para a realização de trabalhos que sirvam de instrumentos que nos conduza a planos de gestão das paisagens, possibilitando – nos a sustentabilidade sócio – ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER. *Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

MATEO, J.,E.V. Silva., A. Cavalcanti. *Geoecologia: uma visão sistêmica da análise ambiental das Paisagens*:Edições UFC, Fortaleza, 2001, pp. 77 - 78

ROSS, J.L., *Relevo brasileiro: uma nova proposta de classificação.*, Revista do Departamento de Geografia, FFLCH/USP., São Paulo., nº. 4., 1985

BERTRAND, G. *Paisagem e geografia física global: esboço metodológico*. Caderno de Ciências da Terra, 13. São Paulo: IGEO/USP, 1971.

SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. Métodos em Questão (16). São Paulo: IGEO/USP, 1977.

FERREIRA, A.,G. VIEIRA., J. JANSEN. Metodologias de Análise e de Classificação das Paisagens. Finisterra, XXVI, 72, 2001, pp. 157 – 178.